

Questões sobre a mídia impressa e a iluminação no teatro brasileiro¹

Fernanda Guimarães Mattos de SOUZA²

Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo

Este artigo traz algumas reflexões referentes à escassa produção de material midiático impresso acerca da iluminação cênica na produção teatral brasileira: ausência de revistas especializadas, pouco reconhecimento crítico na mídia jornalística voltada para arte e cultura, irrelevantes publicações direcionadas ao público interessado e, principalmente, insignificante quantidade de publicações acadêmicas nas faculdades de teatro, são aspectos que mantêm a iluminação em um lugar ainda secundário no âmbito das artes cênicas brasileiras, onde a cenografia, a dramaturgia os demais elementos cênicos são fortemente enaltecidos através de críticas teatrais nos cadernos de cultura dos principais jornais, diversas publicações tanto populares, quanto no meio acadêmico e grande disseminação midiática, que tornam essas atividades cênicas difundidas e almeçadas pelo público acadêmico interessado nas artes da cena brasileira, e colocando a iluminação em contexto de submissão à cenografia.

Palavras-chave: iluminação cênica; mídia impressa; suporte da informação; valorização

Texto do Trabalho

Antes de mais nada, devo traçar um breve panorama sobre a iluminação cênica no Brasil que tem seu marco inicial com a chegada do encenador polonês Ziebinski na primeira metade do século XX. Dotado de amplo conhecimento nas artes cênicas, ele encenou em 1943 a peça “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a cia “Os Comediantes”. Essa peça marcou o início de uma trajetória que teria rendido a Ziebinski o título de primeiro grande iluminador no Brasil.

Entretanto, apesar de ter um olhar muito apurado sobre a estética que queria para cada espetáculo encenado e de ser dotado de criatividade e ousadia, Ziebinski

¹ Trabalho a ser apresentado ao GT- História da Mídia Impressa no XI Encontro Nacional de História da Mídia.

² Artista cênica e iluminadora. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, na linha de pesquisa Poéticas da Cena: Teoria e Crítica (2016). Possui graduação em Comunicação Social- Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006). Tem experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase em iluminação cênica, atuando principalmente no seguinte tema: iluminação cênica e outras atribuições da luz na cena.

E-mail: fernandamattosdesouza@gmail.com

iluminava como encenador e não assinava seus trabalhos como iluminador. Tanto ele como outros grandes encenadores possuíam e ainda possuem a concepção estética para seu espetáculos, porém precisam de técnicos de luz para conceberem e viabilizarem suas necessidades técnicas.

A luz é pensada e trabalhada no teatro desde o Renascimento, porém, no Brasil, só nos anos 60 a profissão de ILUMINADOR passou a ser utilizada por aqueles profissionais que dedicavam-se exclusivamente à criação de luz para teatro, tanto técnica quanto artisticamente. O primeiro que se auto denominou³ iluminador foi Jorginho de Carvalho, técnico de luz que virou iluminador por se dedicar a pensar a luz como algo a acrescentar artisticamente, e não apenas atender as demandas dos diretores e encenadores. O termo desdobrou-se desde então: iluminador, desenhista de luz, criador de luz ou mesmo encenador de luz, é aquele que tanto desenha a luz do espaço, compondo junto com a cenografia o espaço cênico, quanto conta a história junto com o diretor.

Ao longo dos anos, os mais experientes iluminadores vem desenvolvendo um trabalho de cunho pedagógico, ainda informal, que une o aprendizado da tecnologia da luz à experiência de criação. Observa-se, então, que o trabalho continuado e a valorização do processo criativo passam a auxiliar na formação de profissionais da área, porém, sem a colaboração de material didático impresso a respeito da luz, a informalidade prevalece, levando a iluminação a um lugar secundário no meio das artes cênicas no Brasil.

Considerando que a primeira geração de iluminadores brasileiros se deu a partir de Jorginho de Carvalho na década de 60, devemos observar que esse é um ofício recente no Brasil e, talvez por isso, ainda não há uma produção significativa de pensamento teórico nesta área para auxiliar o trabalho de profissionais, nem mesmo material midiático que difunda a importância desse ofício e desperte o interesse em torno das etapas de criação e desenvolvimento técnico da iluminação.

Se por um lado essa escassez de estudos e publicações dificulta a formação e o interesse na arte de iluminar, mantendo a luz num lugar ainda hoje subalterno dentro

³ Informação extraída a partir da fala de Cibele Forjaz, iluminadora e teórica das artes cênicas brasileiras, durante comunicação realizada na SP Escola de Teatro. Acesso em: <http://www.spescoladeteatro.org.br/caderno-de-luz/arquivos/05.pdf>. Acessado em 24/04/2017

do contexto das artes cênicas contemporâneas, por outro lado profissionais da área, sobretudo os mais antigos, ainda defendem a formação empírica como processo de profissionalização de iluminadores.

A saber que Jorginho de Carvalho é reconhecido como o primeiro iluminador propriamente dito e que o mesmo inaugura gerações de profissionais cuja formação se deu empiricamente, levantei em entrevista feita com ele em 2016, dentre outras questões, a possibilidade de autodidatismo no processo de sua própria formação na área da iluminação cênica. Sobre esse aspecto, Jorginho frisou a importância da observação do trabalho de um profissional estabelecido, considerando que “a teoria seria importante para difundir o conhecimento técnico, porém a prática é maravilhosa. A experiência ao lado de sábios é a melhor escola”.

Cibele Forjaz por sua vez afirma pode haver as duas coisas, pois a mesma, como professora de iluminação da ECA- USP, preza tanto por seus mestres quanto por seus alunos.⁴

Acredito, porém, que as gerações atuais discordem desta afirmação, já que o volume de trabalhos cênicos se expandiu e, conseqüentemente, a procura pelo aprendizado aumentou. Essa consideração pode ser respaldada a partir das considerações de Renato Machado, iluminador que, embora tenha iniciado seu ofício sob a tutela de um iluminador profissional, hoje desenvolve uma pesquisa de doutorado sobre a importância da difusão teórica e didática para expandir a formação de iluminadores. Em entrevista concedida a mim em 2017, Machado afirma que o aprendizado acadêmico e a difusão da técnica são elementos importantíssimos na formação de novos técnicos que futuramente podem ou não, virem a tornarem-se Iluminadores, pois para tornar-se iluminador, a pessoa precisa de técnica, sensibilidade e criatividade, nesse caso, o mestre, seja ele acadêmico ou não, só pode ensinar a técnica.

A partir da década de 70, diversos livros são publicados no Brasil, com ênfase principalmente nos aspectos técnicos da iluminação, valorizando principalmente a luz como elemento técnico, o que para um leigo, não despertaria algum interesse no

⁴ Informação extraída a partir da fala de Cibele Forjaz, iluminadora e teórica das artes cênicas brasileiras, durante comunicação realizada na SP Escola de Teatro. Acesso em: <http://www.spescoladeteatro.org.br/caderno-de-luz/arquivos/05.pdf>. Acessado em 24/04/2017

assunto. Poucos são os títulos que se propõem a analisar a luz como elemento artístico. Em geral, são manuais práticos que descrevem equipamentos, programas e possibilidades computadorizadas, com farta terminologia técnica.

Portanto, acredito que publicações que apresentem o processo de criação dos iluminadores, divulguem as novidades do avanço tecnológico, possibilidades de uso de cores, definição de cada um dos refletores mais usados, e suas possibilidades de foco e brilho, são de suma importância tanto para atualizar os que já trabalham com luz, sejam eles iluminadores ou técnicos, quanto curiosos e interessados em ingressar nesse meio. Há de se considerar também, que a luz pensada para teatro, é diferente da luz criada para dança, que por sua vez é diferente da elaboração de um plano de luz para um show por exemplo. Os ângulos de incidência de luz e a forma de iluminar os elementos cênicos mudam em termos de posicionamento dos refletores e diferentes focos. Além da correta utilização das cores ao criar um desenho de luz. A teoria das cores é muito importante na constituição das sensações cênicas, pela falta da disseminação conceitual do saber, são poucos os iluminadores que as usam corretamente. A luz é pouco explorada em livros e revistas especializadas, pelas suas possibilidades artísticas, como elemento de amplos aspectos de encantamento e ação cênica.

Portanto, concordando com Machado, defendo que desenvolver a difusão propagandista sobre o papel da luz e dos criadores de luz, constitui um passo importante para proporcionar uma sistemática pedagógica, com contatos e apropriações do conhecimento em diversas fontes de aprendizado, possibilitando maior mobilidade e evolução técnica e artística dentro do campo da iluminação cênica. Quanto menos se isolar as experiências e mais se ampliar a divulgação desses resultados, maior será a capacitação ofertada para o desenvolvimento dos processos de criação e procedimentos técnicos de iluminação nos espetáculos teatrais brasileiros.

Mas, para além da necessidade de fomentar a formação acadêmica de criadores da luz, é preciso desenvolver as especificidades técnicas, já que trabalhar com iluminação requer conhecimentos de elétrica. A formalização da técnica, seja por divulgação impressa, seja por ofertas acadêmicas, ampliariam as possibilidades de conhecimento teórico, preparando, assim, profissionais melhor qualificados.

Se pensarmos que o processo criativo e artístico de cada iluminador se difere a partir de seu ponto de vista estético e da sua forma de observar o mundo, parece que o processo criativo não pode ser padronizado, porém, a rápida evolução técnica desencadeou uma relação infindável de manuais práticos, ensinando como lidar com os novos equipamentos e sistemas computadorizados. Roberto Gil Camargo, um dos poucos teóricos brasileiros que desenvolve pesquisa sobre iluminação, afirma em seu livro “Conceitos de Iluminação cênica” que no Brasil as revistas especializadas trazem frequentemente entrevistas e reportagens com os iluminadores relatando suas experiências, porém a ênfase das publicações quase sempre recai sobre a descrição de novos modelos de fabricação de aparelhos e o merchandising de firmas especializadas em locações. (CAMARGO, 2012, p. 134).

Além de CAMARGO, posso citar a publicação do livro do já mencionado MACHADO, cuja tese de mestrado virou um livro chamado “A Luz Montagem”, contribuição importante nas especificidades técnicas de uma montagem de luz considerando seus posicionamentos quanto a arte de iluminar. Na minha experiência como iluminadora, também formada empiricamente, percebo que até alguns anos atrás a luz passava despercebida ao olhar do espectador. Contudo, os avanços tecnológicos, com todos os efeitos lúdicos e quase mágicos que proporcionam maior dinâmica à criação e execução da luz cênica, impuseram outras demandas ao campo da iluminação, pois, evidenciando mais o papel da luz nos espetáculos, o espectador se tornou mais crítico quanto às operacionalidades deste elemento na cena.

Segundo Camargo em seu livro “Função Estética da luz”, com a evolução tecnológica e a importância da luz como meio de expressão no espetáculo, aumentou também o interesse pelo seu conhecimento na teoria e na prática. (CAMARGO, 2012,23). Acostumando o olhar do espectador de teatro à uma iluminação de qualidade, é possível aumentar o interesse desse espectador em saber quem é o iluminador, que recursos ele usou, e de que forma a luz foi pensada, elevando assim o papel do Iluminador e trazendo para a profissão, o devido reconhecimento público. Publicações podem inclusive apresentar quem são os responsáveis pela criação de luz que mais atuam na atualidade, estimulando o interesse no ofício, e legitimando a profissão, possibilitando assim, que este elemento alcance o lugar de destaque e signo

potente antes desejado por Antonin Artaud⁵ em seu primeiro manifesto da crueldade, do livro “O teatro e seu duplo”, no qual o mesmo já acreditava que o uso da luz devesse buscar efeitos de vibração luminosa, novos modos de difundir a iluminação em ondas (ARTAUD, Antonin.1964;108).

Referências bibliográficas

CAMARGO, Roberto Gill, 1951. Função Estética da luz; São Paulo: Perspectiva, 2012.

CAMARGO, Roberto Gill, 1951. Conceitos de iluminação cênica ; Rio de Janeiro: Musica e tecnologia, 2012.

Artaud, Antonin 1896-1948. O teatro e seu duplo; tradução Teixeira Coelho; São Paulo: Martins Fontes: 2006.

⁵ O Teatro da Crueldade é o nome dado à teoria proposta pelo ator, diretor, poeta e teórico francês .